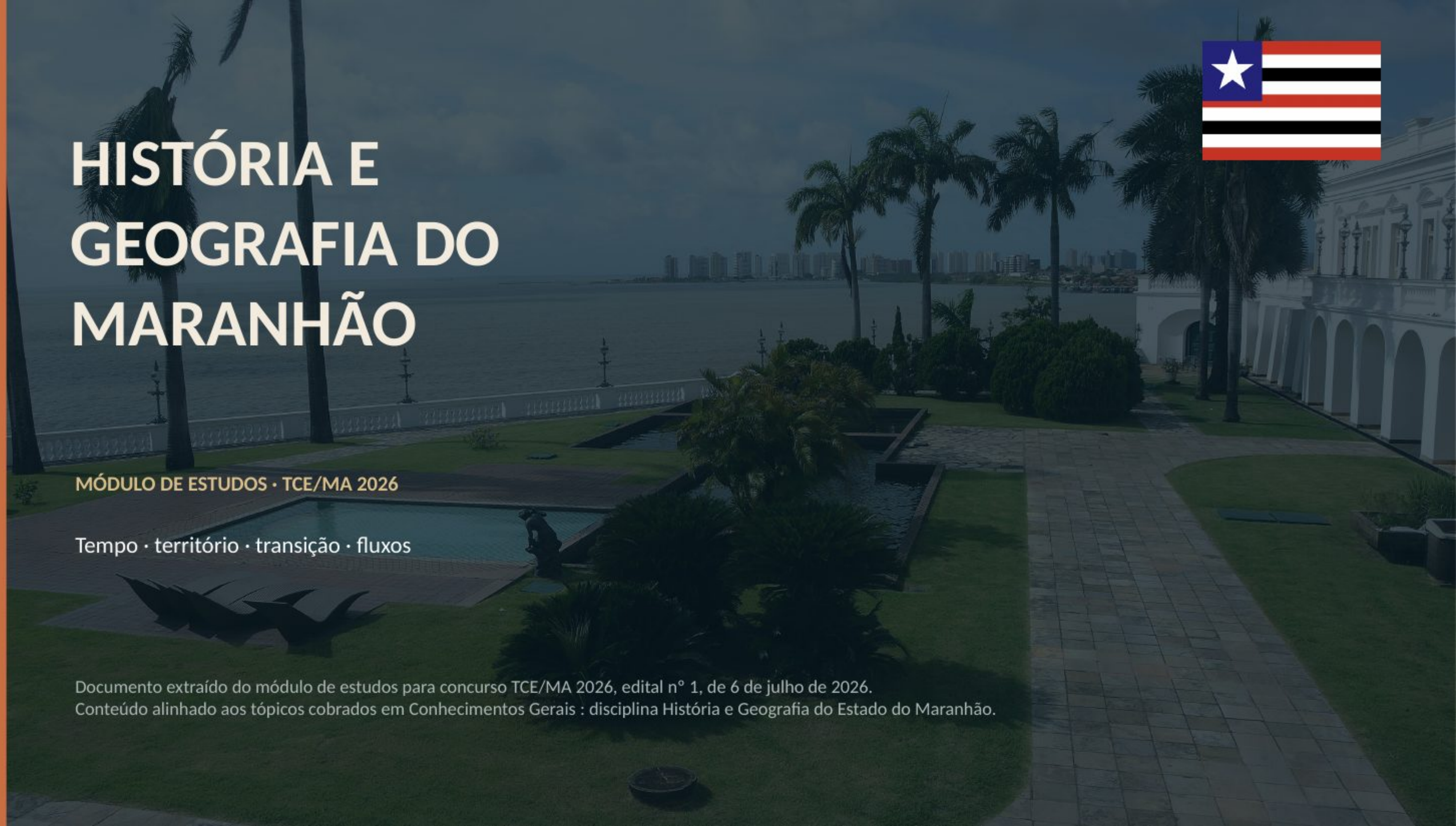


HISTÓRIA E GEOGRAFIA DO MARANHÃO

MÓDULO DE ESTUDOS · TCE/MA 2026

Tempo · território · transição · fluxos

Documento extraído do módulo de estudos para concurso TCE/MA 2026, edital nº 1, de 6 de julho de 2026.
Conteúdo alinhado aos tópicos cobrados em Conhecimentos Gerais : disciplina História e Geografia do Estado do Maranhão.

Uma visão geral antes do mergulho histórico

FORMAÇÃO COLONIAL



INTEGRAÇÃO IMPERIAL E MODERNIZAÇÃO



A narrativa avança por quatro tensões: domínio externo, administração separada, integração política e mudança de escala econômica.

Antes da colônia, Upaon-Açu era território indígena

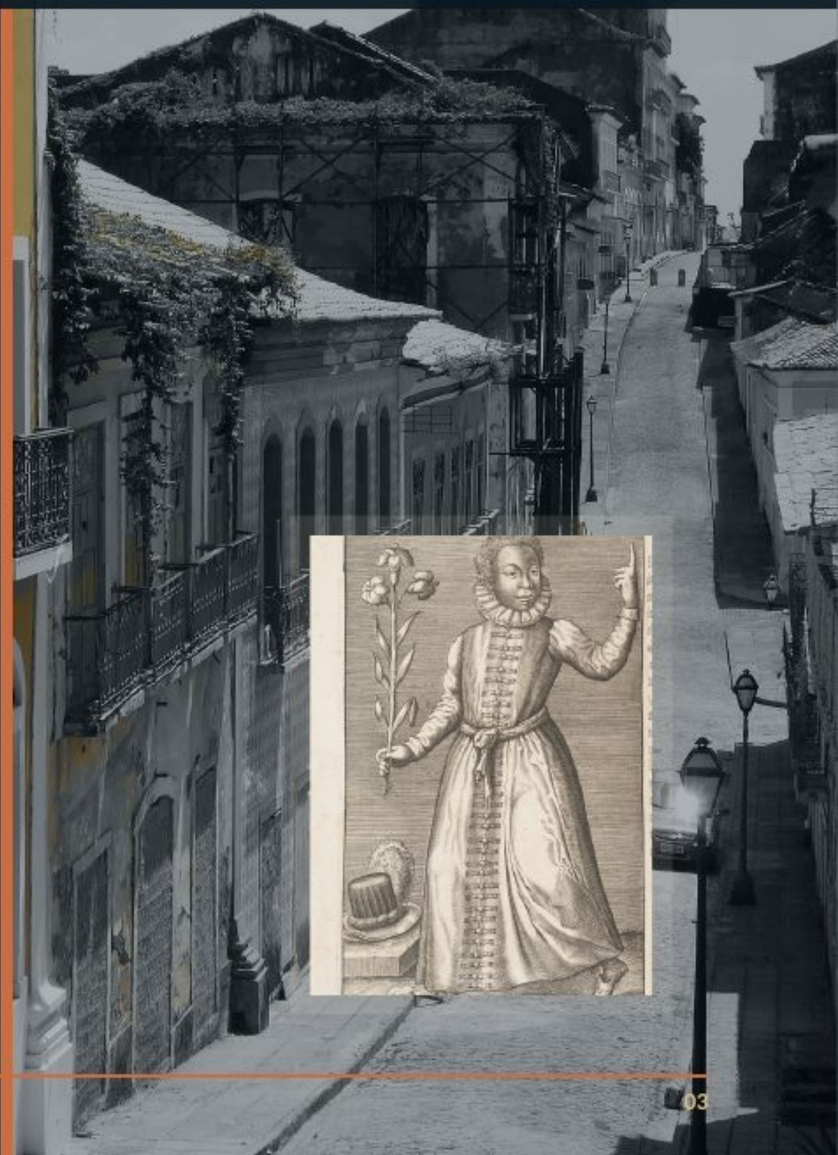
OCUPAÇÃO INDÍGENA

- Tupinambá ocupavam a Ilha de Upaon-Açu entre os séculos XVI e XVII
- Outros povos Tupi e Jê habitavam o território do atual Maranhão
- Sítios arqueológicos registram ocupações horticultoras e ceramistas anteriores à colonização
- A resistência indígena impediu que a ocupação europeia fosse um processo simples ou vazio

PRIMEIROS CONTATOS

1594: Jacques Riffault instala uma feitoria. Charles des Vaux permanece na ilha, aprende a língua e articula relações franco-tupinambá.

Japiaçu, morubixaba de Juniparanã, torna-se interlocutor central. Comércio, diplomacia, guerra e missão religiosa atravessam esses contatos.



1612: a França Equinocial nasce de uma aliança instável



PRECURSORES

Jacques Riffault e Charles des Vaux preparam contatos e reconhecimento da ilha.

EXPEDIÇÃO DE 1612

Daniel de La Touche, Senhor de La Ravardière
François de Razilly
Apoio da regente Maria de Médici
Homenagem ao rei Luís XIII

8 DE SETEMBRO DE 1612

Fundação do Fort Saint-Louis e tentativa de implantar a França Equinocial. A empresa combinava ocupação territorial, comércio e missão capuchinha.

CAPUCHINHOS E ALIANÇAS

Claude d'Abbeville, Yves d'Évreux, Arsène de Paris e Ambroise d'Amiens. Japiaçu e outros morubixabas tupinambá apoiaram os franceses; outros grupos indígenas resistiram ou fizeram escolhas distintas.

1614 A 1615

Guaxenduba decide a disputa militar pela ilha

19 DE NOVEMBRO DE 1614

Batalha de Guaxenduba, nas proximidades do atual município de Icatu. A força portuguesa do Forte de Santa Maria venceu a tropa francesa e seus aliados.

COMANDO PORTUGUÊS

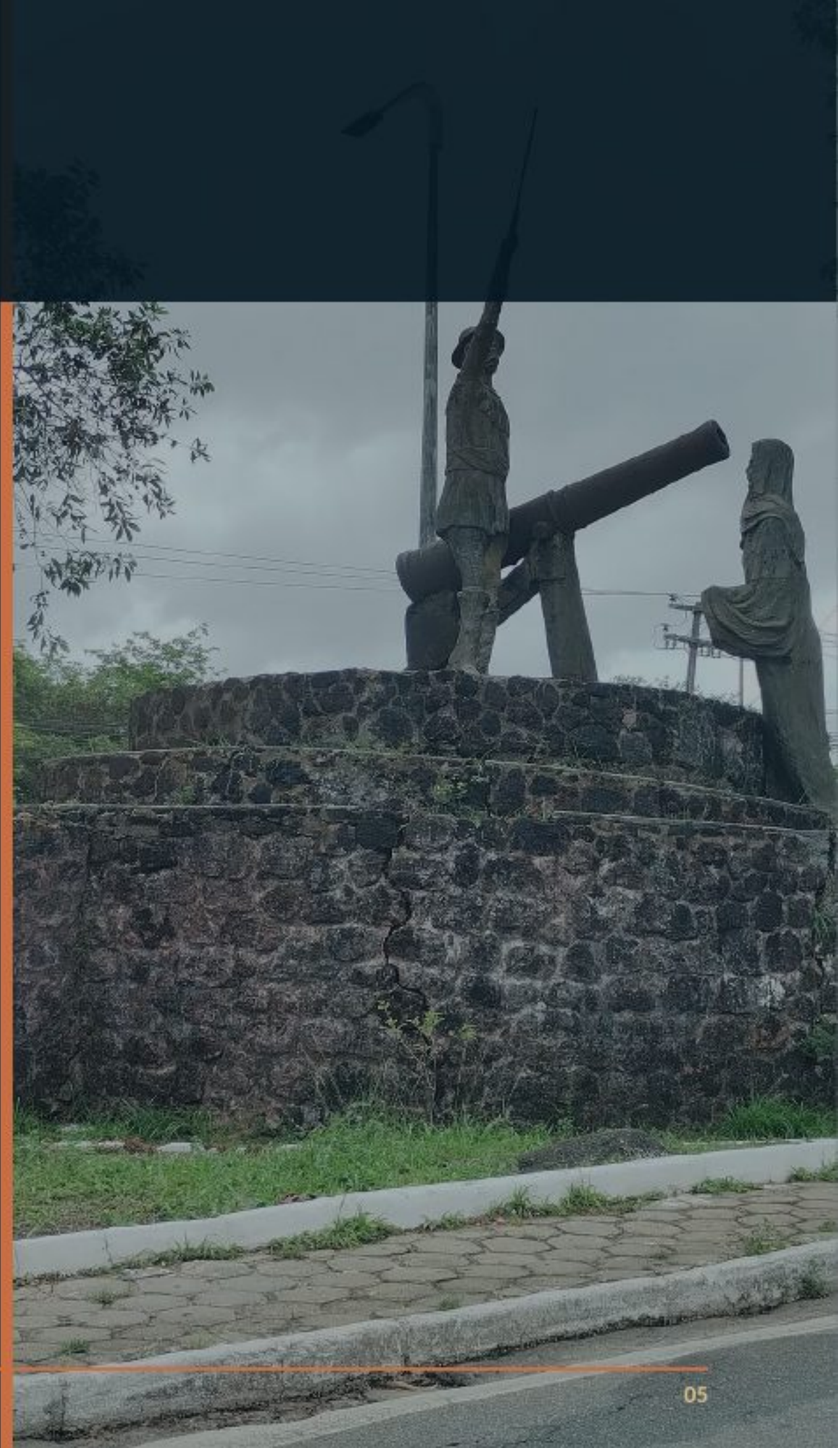
Jerônimo de Albuquerque Maranhão
Diogo de Campos Moreno
Reforços organizados por Alexandre de Moura

LADO FRANCÊS

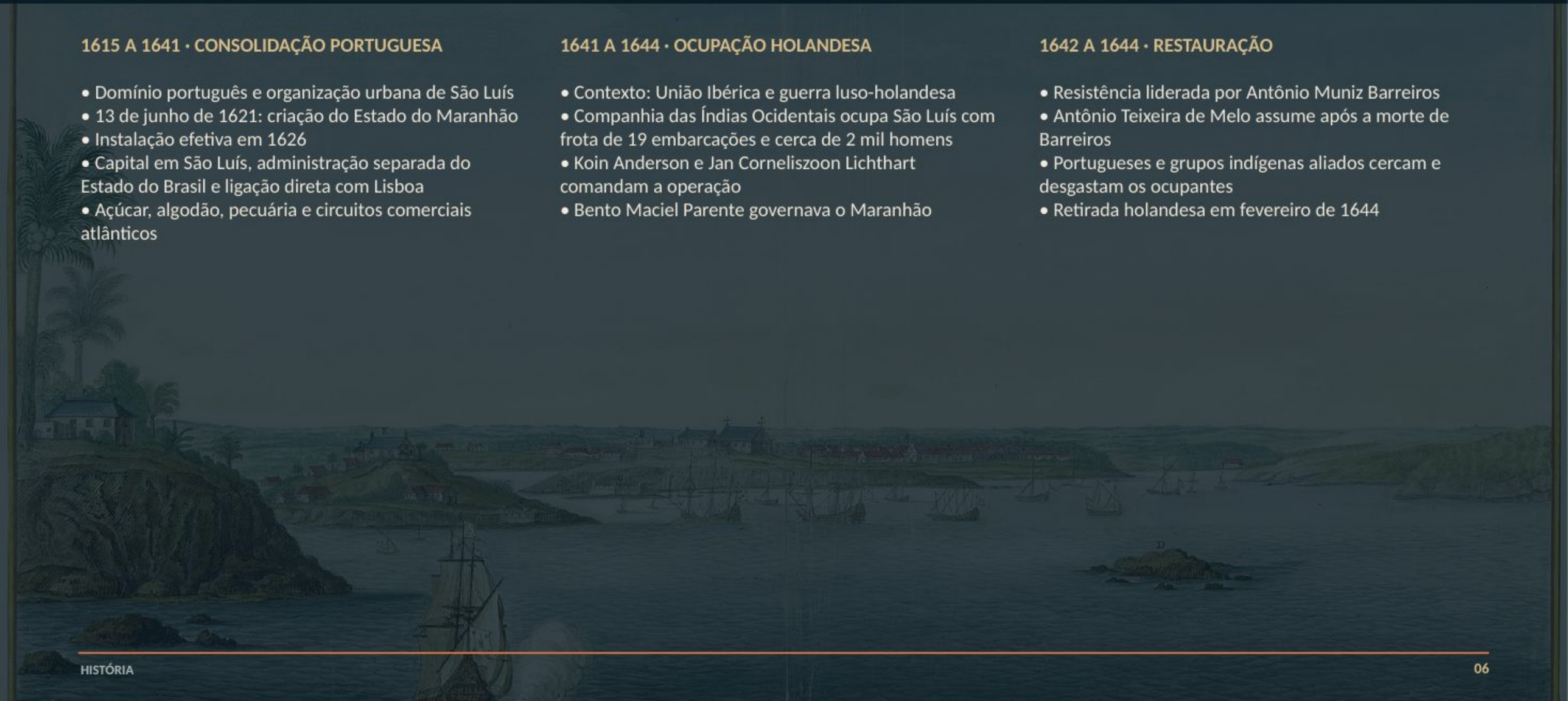
Daniel de La Touche
François de Razilly
Tupinambá aliados aos franceses

1615: rendição francesa, expulsão e consolidação portuguesa. Francisco Frias de Mesquita orienta o traçado urbano após a conquista.

ATENÇÃO AO NOME: Daniel de La Touche e Jerônimo de Albuquerque Maranhão são pessoas diferentes. “Daniel de Albuquerque” mistura os dois nomes.



Administração separada e nova guerra atlântica



1615 A 1641 · CONSOLIDAÇÃO PORTUGUESA

- Domínio português e organização urbana de São Luís
- 13 de junho de 1621: criação do Estado do Maranhão
- Instalação efetiva em 1626
- Capital em São Luís, administração separada do Estado do Brasil e ligação direta com Lisboa
- Açúcar, algodão, pecuária e circuitos comerciais atlânticos

1641 A 1644 · OCUPAÇÃO HOLANDESA

- Contexto: União Ibérica e guerra luso-holandesa
- Companhia das Índias Ocidentais ocupa São Luís com frota de 19 embarcações e cerca de 2 mil homens
- Koin Anderson e Jan Corneliszoon Lichthart comandam a operação
- Bento Maciel Parente governava o Maranhão

1642 A 1644 · RESTAURAÇÃO

- Resistência liderada por Antônio Muniz Barreiros
- Antônio Teixeira de Melo assume após a morte de Barreiros
- Portugueses e grupos indígenas aliados cercam e desgastam os ocupantes
- Retirada holandesa em fevereiro de 1644

1680 A 1685

Monopólio, abastecimento e trabalho provocam a Revolta de Beckman

1680 — Lei restringe a escravização indígena

1682 — Companhia de Comércio do Maranhão

1684 — Revolta em São Luís

1685 — Repressão e fim da Companhia

A CADEIA CAUSAL

Monopólio de importação e exportação, mercadorias caras ou insuficientes, baixos preços pagos aos produtores e descumprimento do fornecimento de pessoas africanas escravizadas. A disputa com a Companhia de Jesus sobre o trabalho indígena agravou a crise.

LIDERANÇAS E DESFECHO

Manoel Beckman, Tomás Beckman e Jorge de Sampaio de Carvalho lideram o movimento. Armazéns são tomados, jesuítas expulsos e uma junta é formada. Tomás segue a Lisboa. O governador Gomes Freire de Andrade reprime a revolta: Manoel e Jorge são executados; Tomás e Eugênio Ribeiro Maranhão são processados.



1755: a Companhia Pombalina amplia produção e controle



COMPANHIA GERAL DO GRÃO-PARÁ E MARANHÃO

Criada em 1755 no contexto das reformas de Sebastião José de Carvalho e Melo, o Marquês de Pombal. Reorganizou o comércio, o crédito, o transporte e o fornecimento de mão de obra escravizada.

MONOPÓLIO

Importação e exportação controladas pela Companhia. O tabelamento e o poder de compra prejudicavam colonos e produtores.

EXPANSÃO PRODUTIVA

Algodão e arroz ganham escala exportadora. Açúcar e pecuária permanecem na base econômica regional.

EFEITO HISTÓRICO

O Maranhão se integra com mais intensidade ao Atlântico, mas a riqueza depende de trabalho escravizado e reforça desigualdades.

1822 não encerra a ligação do Maranhão com Lisboa

1808

CORTE NO RIO DE JANEIRO

1820

REVOLUÇÃO DO PORTO

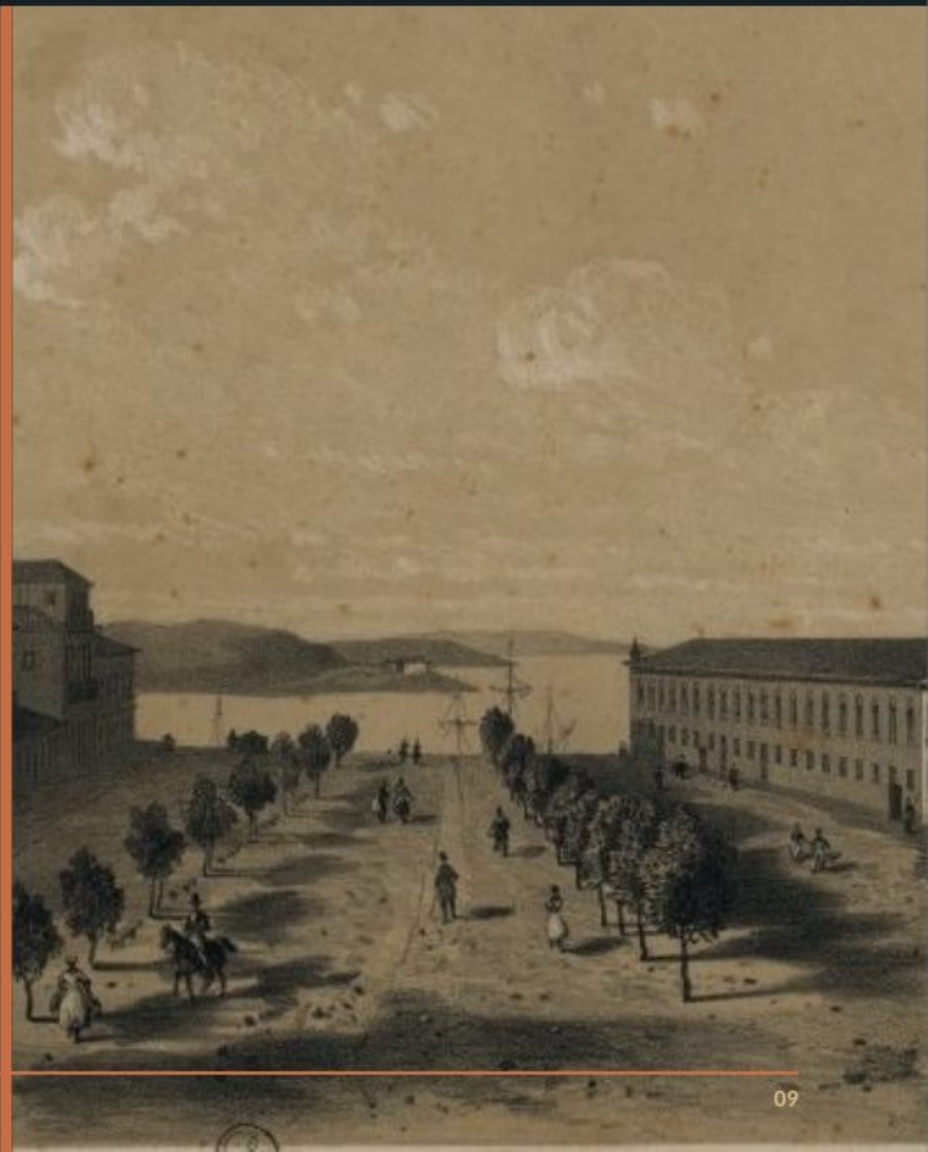
1822

PROCLAMAÇÃO NO IPIRANGA

1808: a transferência da corte portuguesa para o Brasil e a abertura dos portos aumentam a importância administrativa e comercial da província. O ciclo exportador de arroz e algodão fortalece São Luís.

1821: as Cortes de Lisboa e o constitucionalismo português mobilizam a província. A tradição de administração separada e os vínculos mercantis com Portugal aproximavam o Maranhão de Lisboa, não do Rio de Janeiro.

7 de setembro de 1822: D. Pedro proclama a Independência, mas a junta de São Luís, comerciantes portugueses e forças militares mantêm lealdade a Portugal. No interior, grupos favoráveis ao novo Império avançam militarmente.



Julho de 1823: cerco terrestre e blefe naval forçam a adesão

O INTERIOR PRESSIONA A CAPITAL

Tropas favoráveis à Independência, articuladas a partir do Piauí e do Ceará, conquistam posições como Caxias, Aldeias Altas e Itapecuru-Mirim. São Luís fica politicamente dividida e militarmente pressionada.

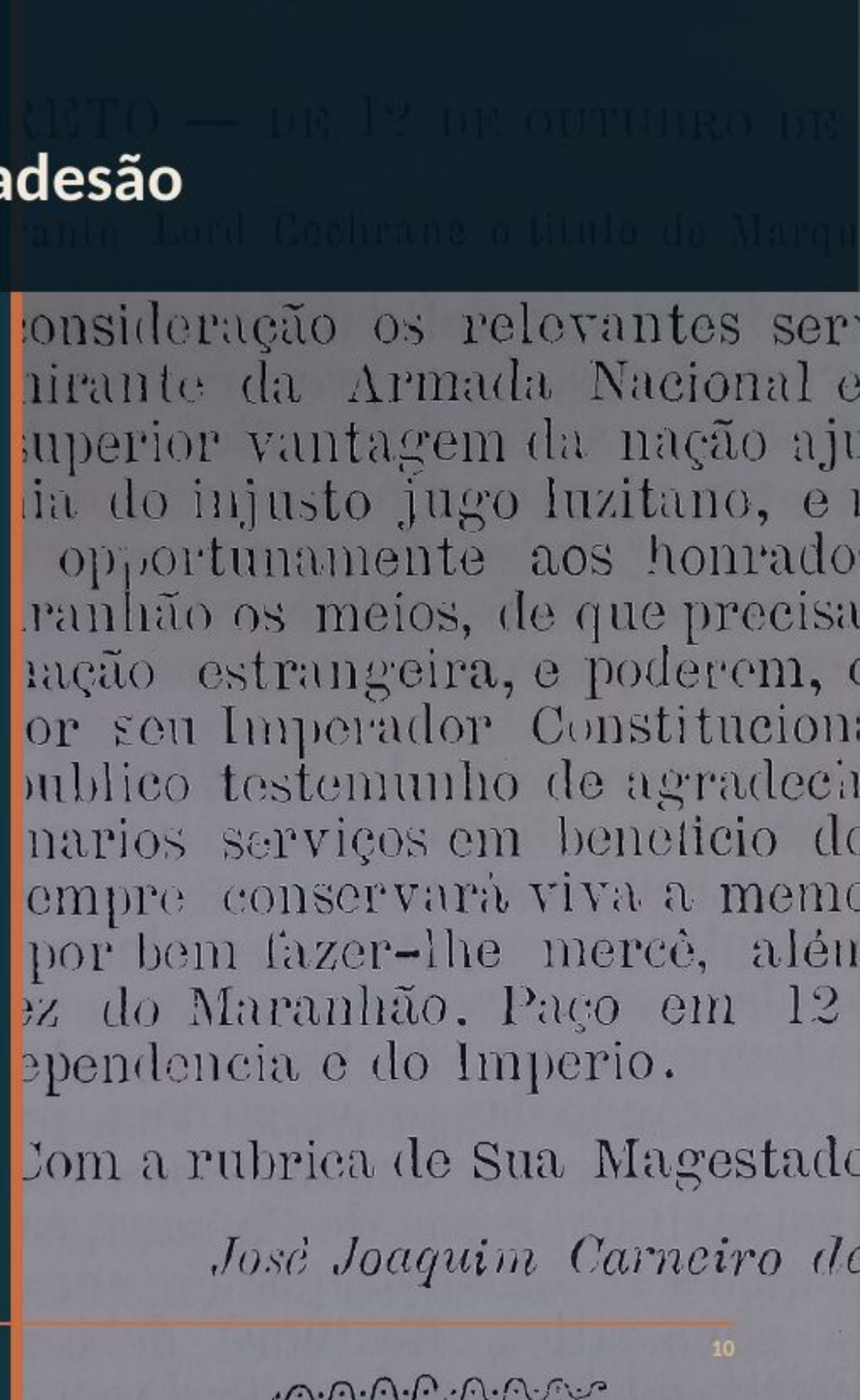
26 E 27 DE JULHO

Thomas Cochrane chega na Nau Pedro I, arvorando bandeira portuguesa. O brigue Dom Miguel, comandado por Francisco Salena Freire Garção, aproxima-se e é capturado. Cochrane informa à Junta que toda a Esquadra Imperial estaria ao largo: era um ardil para ampliar sua força aparente.

28 DE JULHO DE 1823

A Câmara oficializa a adesão no Palácio do Governo. D. Pedro I é reconhecido como imperador. A junta tinha entre seus dirigentes o bispo Frei Joaquim de Nossa Senhora de Nazaré.

COMANDO CORRETO: o blefe em São Luís foi de Thomas Cochrane. John Pascoe Grenfell seguiu depois ao Pará no Brigue Maranhão.



1838 A 1841

Balaiada: revolta sertaneja, popular e escrava

CAUSAS E TERRITÓRIO

Crise do algodão, pobreza, recrutamento forçado, Lei dos Prefeitos e disputa entre bem-te-vis, liberais, e cabanos, conservadores. Começa na Vila da Manga, atual Nina Rodrigues, alcança Caxias, o leste maranhense e o Piauí.

PARTICIPAÇÃO

Vaqueiros, sertanejos, trabalhadores rurais, artesãos, pequenos lavradores, indígenas, pessoas escravizadas e libertas, quilombolas e setores médios descontentes.

LIDERANÇAS

Raimundo Gomes Vieira, o Cara Preta
Manuel Francisco dos Anjos Ferreira, o Balaio
Cosme Bento das Chagas, o Negro Cosme, líder de milhares de fugitivos aquilombados



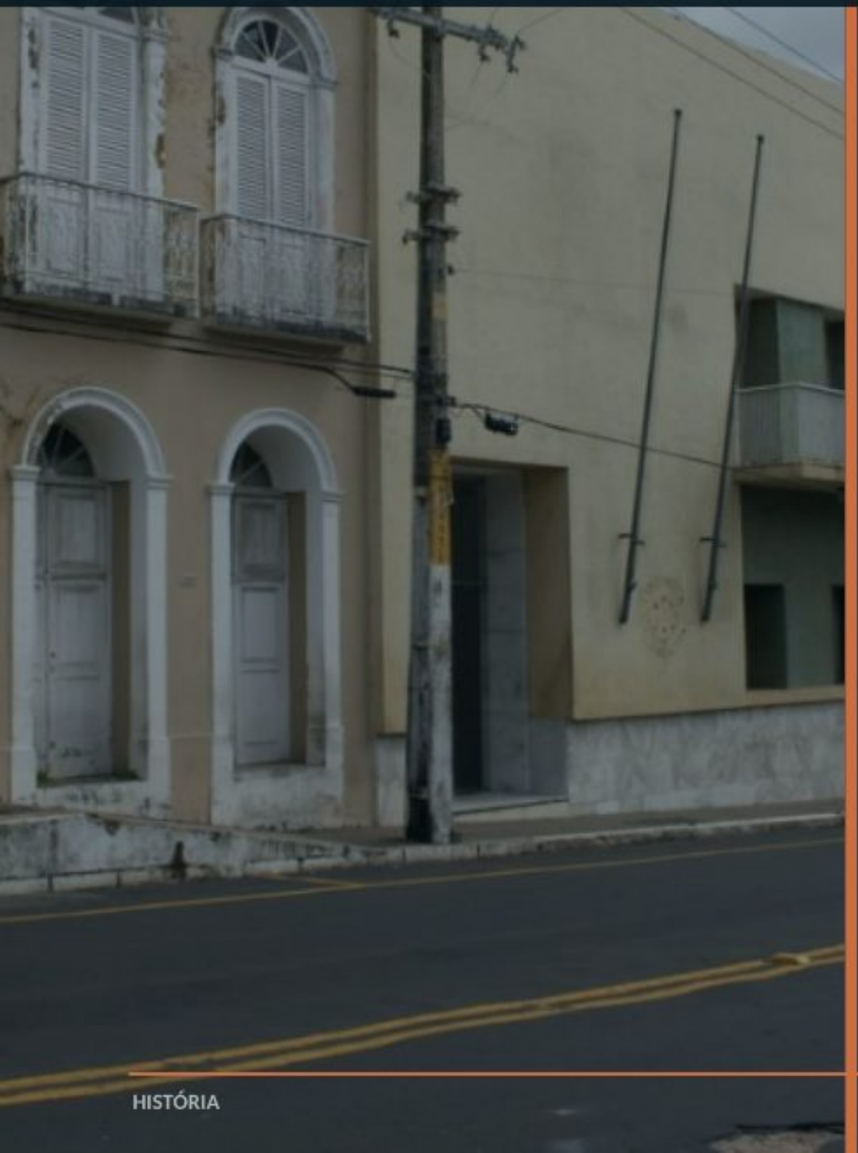


REPRESSÃO

Luís Alves de Lima e Silva, futuro Duque de Caxias, assume em 1840 a presidência da província e o comando militar. Anistia seletiva e ofensiva armada encerram o conflito em 1841.

UMA DAS MAIORES REVOLTAS POPULARES DO PERÍODO IMPERIAL

A República chega com repressão e reorganização das elites



1889: MUDANÇA DE REGIME

15 de novembro: República proclamada no Rio de Janeiro. A notícia chega a São Luís em 17 de novembro. Libertos e setores populares protestam, em parte por temer o retorno da escravidão e defender a memória da princesa Isabel; a repressão deixa mortos e feridos.

GOVERNO PROVISÓRIO E OLIGARQUIAS

A Junta Provisória instala o novo regime. O Congresso estadual elege José Lourenço de Sá Albuquerque, primeiro governador indireto, depois deposto por articulação de Benedito Leite com apoio militar. Coronelismo, clientelismo e disputas oligárquicas marcam a Primeira República.

1930: CENTRALIZAÇÃO VARGUISTA

A Revolução de 1930 dissolve o Congresso estadual e substitui antigas chefias por interventores federais. Paulo Ramos governa de 1936 a 1945, consolidado no Estado Novo. No pós-1945, Vitorino Freire organiza uma nova máquina política, o vitorinismo.

1951: São Luís paralisa e ganha o nome de Ilha Rebelde

A DISPUTA ELEITORAL

Vitorino Freire e o PST apoiam Eugênio de Barros. As Oposições Coligadas, PR, UDN, PSD, PL, PSP e PTB, lançam Saturnino Bello. Denúncias de fraude e a morte de Saturnino em janeiro de 1951 aprofundam a crise.

FEVEREIRO A OUTUBRO

Greves, protestos, barricadas e confrontos paralisam a atividade econômica de São Luís. Trabalhadores, estudantes, populares, políticos, setores médios e empresários participam. A mobilização é lembrada também como Balaiada Urbana.

LIDERANÇAS E REPRESSÃO

Neiva Moreira atua como jornalista e liderança oposicionista. Maria Aragão, médica, dirigente do PCB e voz do jornal Tribuna do Povo, é presa e acusada de insuflar o movimento. Eugênio de Barros toma posse sob forte repressão.

O SENTIDO DE “ILHA REBELDE”

A expressão sintetiza a resistência urbana ao domínio de Vitorino Freire e às denúncias de fraude. O vitorinismo permanece hegemônico até a eleição de José Sarney em 1965.

SÃO LUÍS, 1951: CONFLITO POLÍTICO, MOBILIZAÇÃO SOCIAL E PARALISAÇÃO ECONÔMICA

Da eleição de 1965 aos corredores minerais dos anos 1980



1965: ELEIÇÃO DE JOSÉ SARNEY

Sarney vence pelo bloco das Oposições Coligadas, com UDN e PSP, apoiado pelo governo Castelo Branco. Derrota Costa Rodrigues e supera o candidato vitorinista Renato Archer. A vitória encerra a hegemonia formal de Vitorino Freire.

1966 A 1970: “MARANHÃO NOVO”

O governo adota linguagem desenvolvimentista, reorganização administrativa, obras viárias e modernização urbana. A mudança política não elimina oligarquias; reconfigura alianças, estilos de governo e mecanismos de poder.

1980

PROGRAMA GRANDE CARAJÁS

1984

ALUMAR INICIA OPERAÇÕES

mina · ferrovia · porto

RESULTADO

Projeto Ferro Carajás: minério de ferro, Estrada de Ferro Carajás e portos de São Luís. Alumar: beneficiamento de bauxita, alumina e alumínio. A industrialização mineral transforma emprego, migração, expansão urbana, logística, território e conflitos socioambientais.

GEOGRAFIA DO MARANHÃO

O território funciona como uma dobradiça entre o Atlântico, a Amazônia e o Brasil Central.

Nordeste brasileiro, fachada atlântica e transição ambiental.
Relevo e água organizam paisagens, ocupação e atividades econômicas.
Ferrovias, portos e rodovias conectam minérios, grãos, indústria e comércio exterior.

ESCALA · TRANSIÇÃO · RECURSOS · FLUXOS

O Maranhão ocupa a transição entre o Nordeste e o Norte amazônico

329.651,463 km²

ÁREA TERRITORIAL OFICIAL, IBGE 2025

3º

MAIOR ESTADO DO NORDESTE EM ÁREA

O material usa a aproximação de 331.983 km². Para prova com dado atual, prefira o valor do IBGE e observe o ano de referência.

LIMITES CORRETOS

Norte: Oceano Atlântico
Leste: Piauí
Sul: Bahia e Tocantins
Oeste: Pará

EXTREMOS TERRITORIAIS

Norte: litoral
Sul: transição para o Planalto Central
Leste: limite com o Piauí
Oeste: limite com o Pará

PEGADINHA: Goiás e Amazonas não fazem limite direto com o Maranhão.



Um mesmo Maranhão muda de nome conforme a escala de análise

01	AMAZÔNIA LEGAL	A parcela a oeste do meridiano 44 graus integra a Amazônia Legal. Há municípios totalmente e parcialmente incluídos; o recorte é político e de planejamento, não sinônimo de bioma Amazônia.
02	DIVISÃO OFICIAL ATUAL	Desde 2017, o IBGE trabalha com Regiões Geográficas Imediatas e Intermediárias, organizadas por rede urbana, deslocamentos e funções regionais.
03	SÍNTESE DIDÁTICA DO MATERIAL	Maranhão Ocidental, Maranhão Oriental e zona de transição ajudam a estudar diferenças internas, mas não devem ser tratadas como a atual divisão oficial do IBGE.
04	LEITURA TERRITORIAL	Costa e São Luís concentram população e serviços; oeste e norte dialogam com a Amazônia; centro e sul ampliam a presença do Cerrado e do agronegócio.

RECORTE POLÍTICO ≠ BIOMA ≠ REGIÃO URBANA

A Bacia do Parnaíba sustenta relevo, aquíferos e parte dos recursos minerais

BACIA SEDIMENTAR DO PARNAÍBA

Predominam sequências sedimentares com arenitos e folhelhos. A alternância de camadas influencia a erosão, as formas de relevo e o armazenamento de água subterrânea.

ARENITOS	**maior permeabilidade relativa · circulação e armazenamento de água**
FOLHELHOS	**camadas menos permeáveis · controle estrutural e erosivo**

RECURSOS ASSOCIADOS E CADEIAS

Ferro de Carajás · bauxita e alumínio · caulim · calcário · ocorrências de fosfato

Carajás é uma das maiores províncias minerais de ferro do mundo e fica no Pará. Não retenha superlativos sobre a Bacia do Parnaíba sem fonte.

A Estrada de Ferro Carajás transporta minério, pessoas e integração territorial



CONEXÕES

Ferrovia Norte-Sul em Açailândia · portos da Baía de São Marcos · cadeias mineral e industrial



892 km

SERVIÇO REGULAR DE PASSAGEIROS ENTRE PARÁ E MARANHÃO

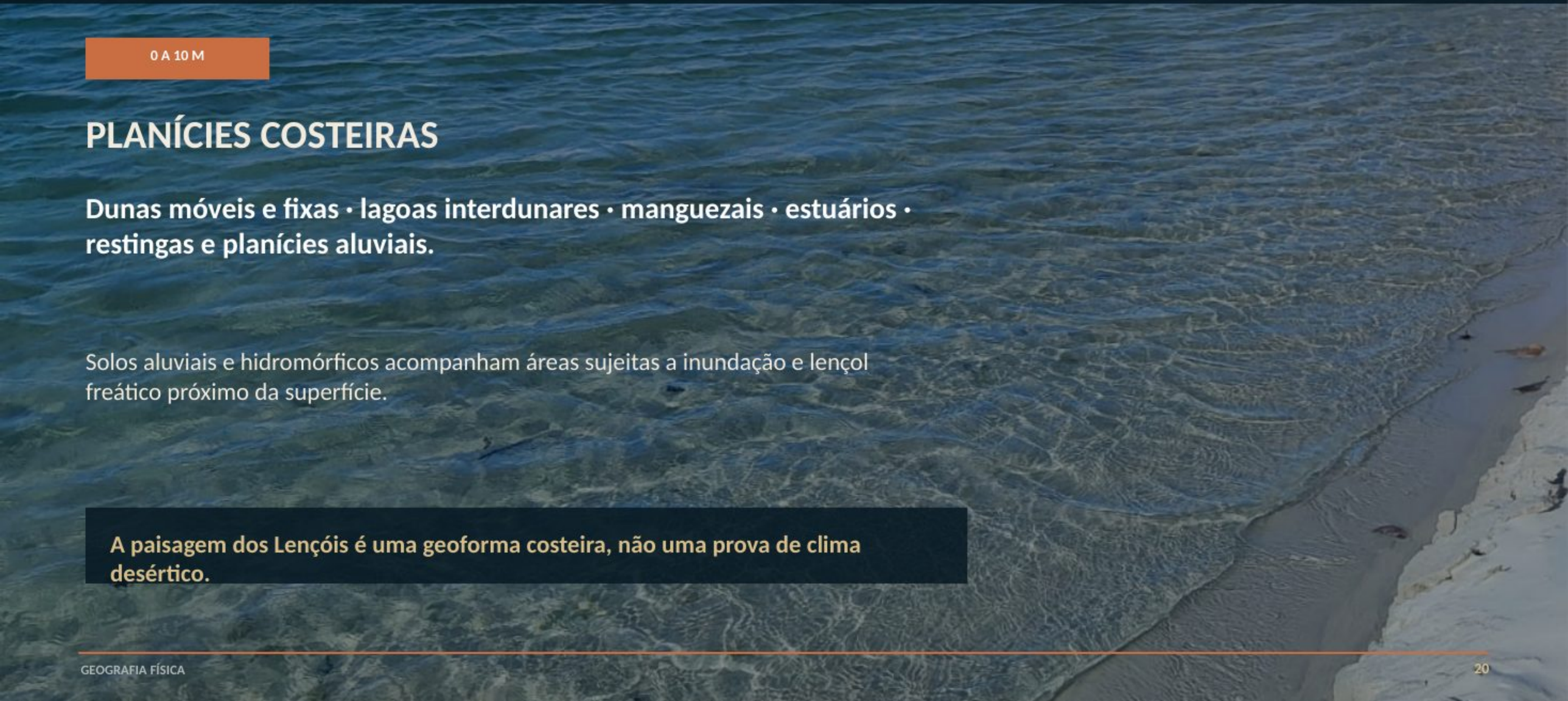
CARGA

Liga a província mineral de Carajás ao Terminal de Ponta da Madeira, em São Luís.

PASSAGEIROS

Parauapebas a São Luís, atravessando municípios dos dois estados. Entre as duas linhas regulares da malha ferroviária concedida, é a mais extensa.

O relevo começa quase ao nível do mar



0 A 10 M

PLANÍCIES COSTEIRAS

Dunas móveis e fixas · lagoas interdunares · manguezais · estuários · restingas e planícies aluviais.

Solos aluviais e hidromórficos acompanham áreas sujeitas a inundação e lençol freático próximo da superfície.

A paisagem dos Lençóis é uma geoforma costeira, não uma prova de clima desértico.

No centro e no leste, a erosão modela planaltos sedimentares

80 a 250 m

altitudes frequentes no domínio dos planaltos sedimentares

TRANSIÇÃO

entre o litoral baixo e as chapadas do sul

01	CAMADAS SEDIMENTARES	Arenitos e folhelhos respondem de forma diferente à erosão e ajudam a formar patamares, vales e vertentes.
02	CUESTAS E REVERSOS	Escarpas assimétricas e superfícies suavemente inclinadas aparecem onde a estrutura das camadas orienta o modelado.
03	CIRCULAÇÃO DA ÁGUA	Divisores, vales e declividades controlam escoamento, infiltração, nascentes e o encaixe das drenagens.

As chapadas elevam o sul e conectam o Maranhão ao Planalto Central



ATÉ 800 m OU MAIS

Superfícies tabulares, escarpas e morros testemunhos marcam o sul do estado.

A continuidade com o Planalto Central aparece em áreas de Carolina, Riachão, Estreito e municípios próximos.

SOLOS

Latossolos profundos são comuns. A acidez e a baixa fertilidade natural exigem manejo para agricultura intensiva.

Água e erosão recortam as chapadas e alimentam cachoeiras da região.

Os Lençóis parecem um deserto, mas funcionam sob clima tropical chuvoso



O QUE O OLHO VÊ

Campo de dunas, areia branca, vento e grande amplitude visual.

O QUE O CLIMA FAZ

Chuvas intensas recarregam o lençol freático. A água se acumula entre as dunas e forma lagoas sazonais.

SAZONALIDADE

Janeiro a junho: período mais chuvoso e recarga.
Julho a dezembro: menor chuva e retração de muitas lagoas.

DUNAS COSTEIRAS ≠ DESERTO CLIMÁTICO

A chuva diminui do litoral para o interior, sem uma fronteira climática simples

25 a 27 °C

MÉDIAS ANUAIS PREDOMINANTES

2.000 a 2.500 mm

FAIXA ANUAL DO LITORAL MAIS ÚMIDO

1.000 a 1.500 mm

FAIXA ANUAL DE GRANDE PARTE DO INTERIOR

LITORAL

Tropical úmido a semiúmido, forte influência atlântica e menor contraste térmico sazonal.

INTERIOR

Estação seca mais longa, maior amplitude térmica e transição gradual para condições mais secas.

CHUVAS DE VERÃO E OUTONO

A Zona de Convergência Intertropical tem papel decisivo na sazonalidade, especialmente no norte e no litoral.

“Semiárido central” é uma simplificação didática. Para prova, prefira gradiente de umidade e duração da estação seca.

ORGANIZAÇÃO OFICIAL DAS ÁGUAS SUPERFICIAIS

A hidrografia maranhense combina bacias federais, estaduais e sistemas costeiros

3 BACIAS FEDERAIS

Parnaíba · Tocantins · Gurupi

---

7 BACIAS ESTADUAIS

MEARIM **ITAPECURU** **MUNIM** **TURIAÇU** **MARACAÇUMÉ**

PREGUIÇAS **PERIÁ**

2 SISTEMAS HIDROGRÁFICOS COSTEIROS

Litoral Ocidental · Ilhas Maranhenses

PEGADINHA

Amazonas e São Francisco não são as três bacias federais que estruturam o estado.

Rios e águas subterrâneas sustentam cidades, produção e ecossistemas

01	RIOS ESTRUTURADORES	Itapecuru, Mearim e Turiaçu. O Itapecuru é estratégico para abastecimento; o Mearim articula grande sistema fluvial no centro do estado.
02	RIOS DO SISTEMA MEARIM	Pindaré e Grajaú são cursos expressivos e drenam áreas amplas. Em questões objetivas, diferencie rio, sub-bacia, bacia estadual e região hidrográfica.
03	ÁGUA SUBTERRÂNEA	O Sistema Aquífero Urucuia alcança o sul maranhense. A Bacia Sedimentar do Parnaíba abriga vários sistemas aquíferos; o lençol freático participa da formação das lagoas nos Lençóis.
04	USOS	Abastecimento, pesca, navegação local, irrigação, dessedentação animal, indústria e geração hidrelétrica. Cada uso depende de vazão, qualidade e regularidade da água.

Evite o superlativo “maior reserva subterrânea” sem sistema, escala e fonte definidos.

BIOMAS E COBERTURA VEGETAL

O Maranhão tem dois biomas oficiais e várias formações de transição

34%

APROXIMAÇÃO DA ÁREA NO BIOMA AMAZÔNIA

66%

APROXIMAÇÃO DA ÁREA NO BIOMA CERRADO

BIOMAS OFICIAIS DO IBGE

AMAZÔNIA + CERRADO

FORMAÇÕES E ECÓTONOS

Mata dos Cocais · florestas estacionais com perda sazonal de folhas · manguezais · restingas · campos e áreas pioneiras costeiras

CLASSIFICAÇÃO: o IBGE atual não reconhece o bioma Caatinga no Maranhão. Mapas antigos registraram savana-estépica de aspecto xerófito em áreas localizadas; isso não equivale ao bioma oficial.

No norte e no oeste, a floresta amazônica perde espaço sob forte pressão

LOCALIZAÇÃO

Oeste e noroeste, com remanescentes relevantes na região do Gurupi e conexão histórica com o Pará.

01	ESTRUTURA E ESPÉCIES	Florestas densas e biodiversas, com andiroba, maçaranduba, bacuri e babaçu em áreas de transição.
02	USOS	Extrativismo vegetal, produtos florestais, frutos, sementes, óleos e serviços ecossistêmicos, como regulação hídrica e climática.
03	RISCOS	Desmatamento, exploração madeireira ilegal, fragmentação, queimadas, expansão agropecuária e conflitos fundiários.

A Reserva Biológica do Gurupi protege um dos núcleos mais importantes da Amazônia maranhense.

O Cerrado domina o centro e o sul e concentra a expansão agrícola



LOCALIZAÇÃO

Centro, leste e sul, incluindo chapadas e planaltos interiores.

FORMAÇÕES E ESPÉCIES

Campos, savanas e formações florestais. Pequi, buriti, bacuri, sucupira e outras espécies adaptadas à sazonalidade e ao fogo.

SOLOS E USOS

Solos geralmente ácidos e pobres em nutrientes naturais. Correção, adubação e mecanização viabilizam grãos e pecuária em larga escala.

RISCO: conversão de habitat, erosão, fogo descontrolado e pressão sobre nascentes.

A Mata dos Cocais é uma zona de transição e uma economia viva



ECÓTONO

Faixa de contato entre Amazônia, Cerrado e formações mais secas, especialmente no centro e no leste do estado.

ESPÉCIES

Babaçu · carnaúba · buriti · tucum

USOS

Óleo, mesocarpo, farinha, fibras, cobertura, artesanato, alimento e renda comunitária.

RISCOS

Substituição por pastagens e lavouras, cercamento e dificuldade de acesso aos babaçuais.

Marés, rios e dunas formam um litoral de alta diversidade





FORMAÇÕES

Mangue-vermelho, mangue-branco e siriúba nos estuários · restingas sobre areia · campos inundáveis · vegetação de dunas e áreas pioneiras.

FUNÇÕES E USOS

Berçário de peixes e crustáceos, proteção costeira, pesca artesanal, turismo e cultura alimentar.

RISCOS

Urbanização, portos, poluição, desmatamento e alteração de fluxos de água e sedimentos.

As unidades de conservação protegem paisagens complementares



FEDERAIS

Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses
Parque Nacional da Chapada das Mesas
Parque Nacional das Nascentes do Rio Parnaíba
Reserva Biológica do Gurupi

ESTADUAIS

Parque Estadual do Mirador
Parque Estadual do Bacanga
Parque Estadual Marinho do Parcel de Manuel Luís
Parque Estadual do Sítio do Rangedor

APAs E OUTROS RECORTES

Reentrâncias Maranhenses · Baixada Maranhense · Upaon-Açu e Miritiba · Alto Preguiças · Lagoa da Jansen

Em 2024, o Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses foi inscrito como Patrimônio Mundial pela UNESCO.

Conservar exige agir além dos limites dos parques

01	DESMATAMENTO E FRAGMENTAÇÃO	A conversão para pastagens, lavouras e infraestrutura reduz habitats e isola remanescentes amazônicos, cerratenses e ecótonos.
02	FOGO E EROSÃO	Queimadas descontroladas, perda de cobertura e manejo inadequado aumentam erosão, assoreamento e risco para nascentes.
03	COSTA SOB PRESSÃO	Expansão urbana, portuária e turística, resíduos e alteração de estuários afetam manguezais, restingas, dunas e comunidades pesqueiras.
04	RESPOSTAS	Fiscalização, monitoramento, regularização fundiária, restauração, corredores ecológicos, manejo do fogo e participação de povos e comunidades tradicionais.

O desafio é compatibilizar biodiversidade, agropecuária, mineração, indústria, logística e qualidade de vida.

A população se urbanizou, mas permanece concentrada no litoral e em poucos polos



Migrações internas, êxodo rural e deslocamentos para outros estados marcaram os séculos XX e XXI.

6.776.699

HABITANTES NO CENSO 2022

7.018.211

ESTIMATIVA IBGE 2025

20,56 hab/km²

DENSIDADE NO CENSO 2022

70,9%

POPULAÇÃO URBANA EM 2022

URBANIZAÇÃO

63,1% em 2010 → 70,9% em 2022

A Grande São Luís concentra população e serviços. Imperatriz articula o oeste; Balsas organiza o sul agrícola. O interior rural apresenta densidades menores.

Quatro cidades revelam funções urbanas muito diferentes

SÃO LUÍS	1.089.215 estimativa 2025	Capital, metrópole estadual, administração, patrimônio, serviços e complexo portuário.
IMPERATRIZ	285.806 estimativa 2025	Polo do oeste, comércio, saúde, educação, indústria e conexão com Tocantins e Pará.
SÃO JOSÉ DE RIBAMAR	259.164 estimativa 2025	Integra a Grande São Luís, expansão residencial, deslocamentos pendulares e serviços metropolitanos.
BALSAS	105.974 estimativa 2025	Polo do sul, agronegócio, serviços técnicos, armazenagem, comércio e eventos especializados.

PIB PER CAPITA 2023

Balsas: R$ 73.990,57 · São Luís: R$ 40.846,09 · Imperatriz: R$ 34.695,92 · São José de Ribamar: R$ 12.820,31

Urbanização e crescimento não eliminam os déficits sociais

R$ 1.219

RENDA DOMICILIAR PER CAPITA, 2025

0,676

IDH, 2021

85,0%

ALFABETIZAÇÃO DA POPULAÇÃO DE 15 ANOS OU MAIS, 2022

71,4 anos

EXPECTATIVA DE VIDA AO NASCER, 2019

TENDÊNCIA EDUCACIONAL

A alfabetização de pessoas de 15 anos ou mais passou de 79,1% em 2010 para 85,0% em 2022.

LEITURA TERRITORIAL

Desigualdades de renda, escolarização, saúde, saneamento e acesso a serviços variam entre capital, polos regionais e interior rural.

REGRA DE PROVA

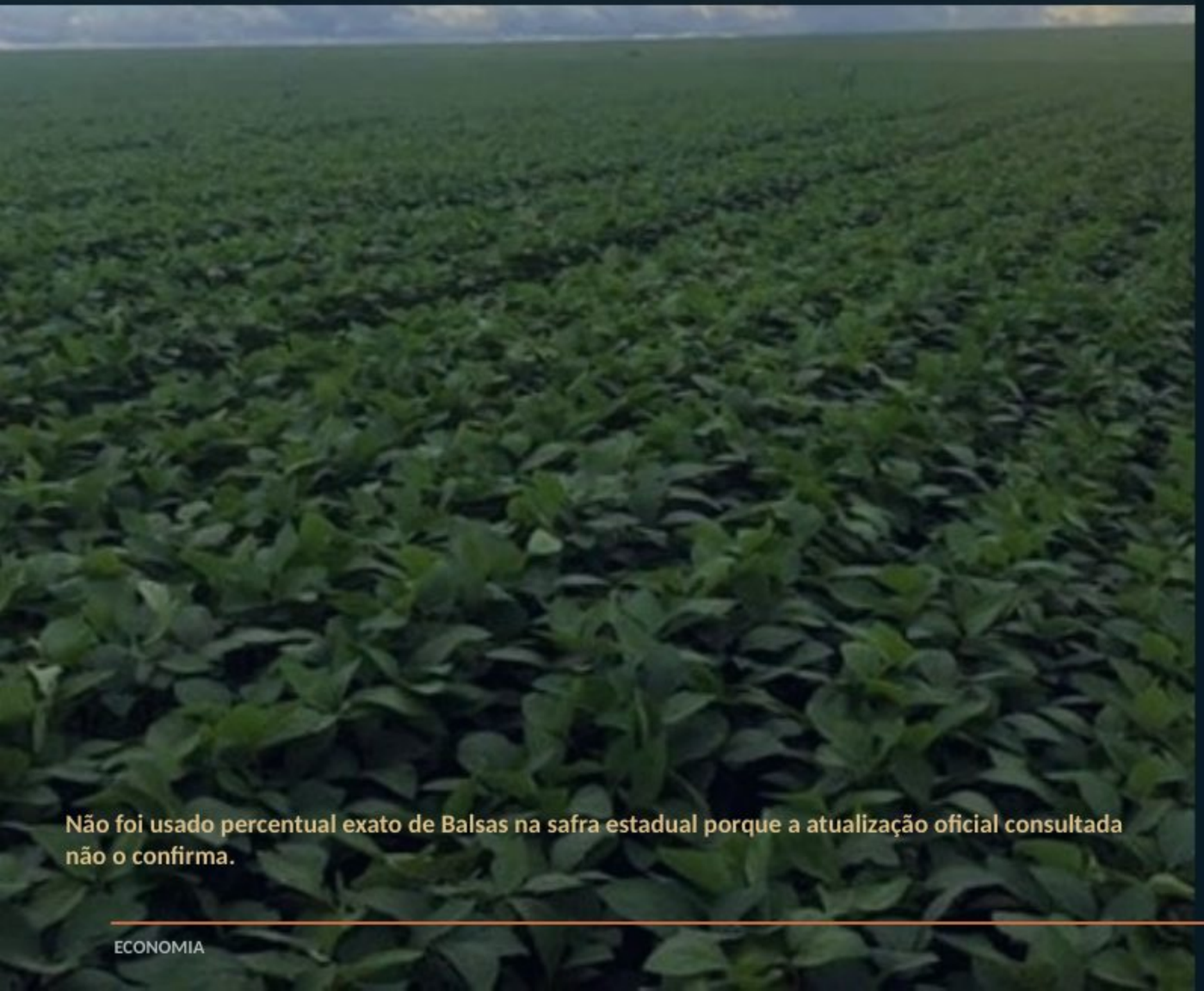
Nunca compare indicadores sem conferir conceito e ano. Um dado recente de renda não substitui o ano do IDH ou da expectativa de vida.

A agricultura maranhense combina subsistência, mercados locais e cadeias históricas

01	ARROZ	Cultivado em áreas de várzea e sequeiro, abastece mercados locais e integra a alimentação cotidiana. Sua importância histórica não deve ser confundida com liderança exportadora atual.
02	MILHO	Alimento humano, ração animal e insumo para criação. Aparece tanto em pequenas propriedades quanto em sistemas comerciais mecanizados.
03	MANDIOCA	Base de farinha, fécula, goma e tucupi. Articula agricultura familiar, mercados regionais, culinária e segurança alimentar.
04	ALGODÃO	Produto central do ciclo exportador colonial e imperial. Hoje permanece como referência histórica e pode surgir associado à expansão agrícola do sul.

VÁRZEAS · ROÇAS · MERCADOS LOCAIS · AGROINDÚSTRIA

Balsas organiza o principal polo de grãos do sul maranhense



Não foi usado percentual exato de Balsas na safra estadual porque a atualização oficial consultada não o confirma.

8,79 mi t

PRODUÇÃO ESTADUAL DE GRÃOS, SAFRA 2024/2025

4,85 mi t

PRODUÇÃO ESTADUAL DE SOJA, SAFRA 2024/2025

CADEIA REGIONAL

Soja, milho e algodão conectam pesquisa, sementes, máquinas, insumos, armazenagem, crédito, transporte e exportação.

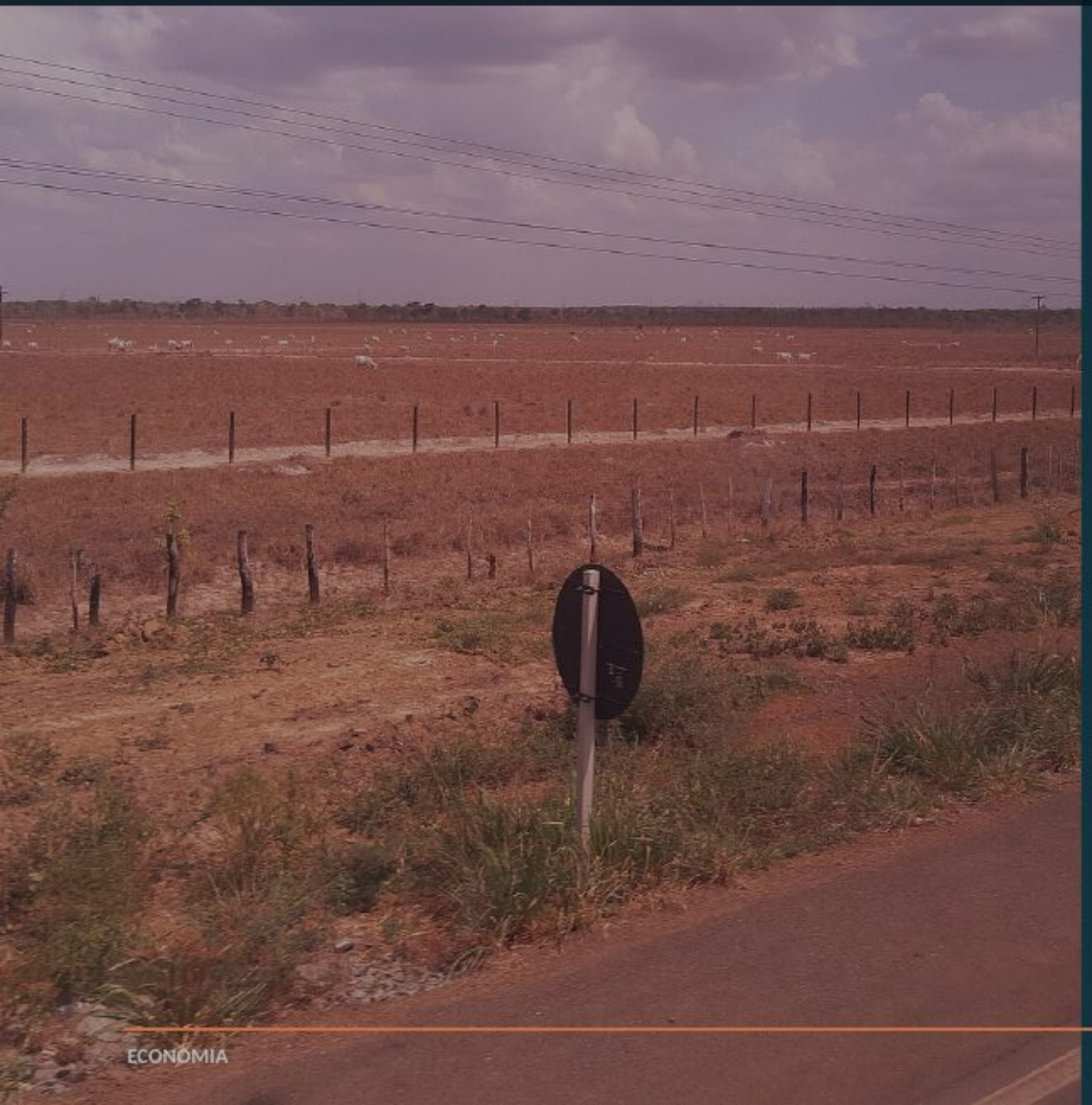
BALSAS

Polo urbano de serviços, comércio e apoio técnico para o sul produtor.

AGROBALSAS

Maior evento do agronegócio do Maranhão. A 22ª edição está anunciada para 11 a 16 de maio de 2026.

A pecuária conecta pastagens, alimentos, couro e circulação regional



BOVINOS

Criação difundida no centro, oeste e sul. Abastece carne, leite, couro, frigoríficos, laticínios e comércio regional.

BUBALINOS

Adaptados a áreas úmidas, com presença importante na Baixada Maranhense. Geram carne, leite e derivados.

EQUINOS

Apoiam manejo do rebanho, transporte, trabalho rural, esporte e manifestações culturais.

RISCO TERRITORIAL: abertura de pastagens, compactação e pressão sobre vegetação e águas.

O babaçu transforma floresta de transição em alimento, renda e identidade





CADEIA DO COCO

Amêndoa → óleo e sabão
Mesocarpo → farinha e alimentos
Endocarpo → carvão e energia
Palha → cobertura e artesanato

TRABALHO E TERRITÓRIO

Quebradeiras de coco preservam conhecimento, organizam cooperativas e defendem acesso aos babaçuais.

OUTROS PRODUTOS

Fibras, frutos, sementes, madeira e produtos florestais não madeireiros.

Pesca artesanal e aquicultura ligam estuários, rios e mercados locais



PESCA COSTEIRA E ESTUARINA

Peixes, camarões, caranguejos e moluscos sustentam renda, alimentação e cultura em comunidades do litoral e das reentrâncias.

PESCA CONTINENTAL

Rios, lagos e áreas inundáveis fornecem pescado para subsistência e comércio, com forte relação com o ciclo das águas.

AQUICULTURA EM EXPANSÃO

Piscicultura e criação de camarões ampliam oferta, mas exigem controle sanitário, água de qualidade e manejo ambiental.

Imperatriz articula floresta plantada, indústria de celulose e ferrovia



FÁBRICA DE IMPERATRIZ

1,75 mi t/ano

CAPACIDADE DE CELULOSE

60 mil t/ano

CAPACIDADE DE PAPEL TISSUE

BASE FLORESTAL DIVULGADA PELA EMPRESA

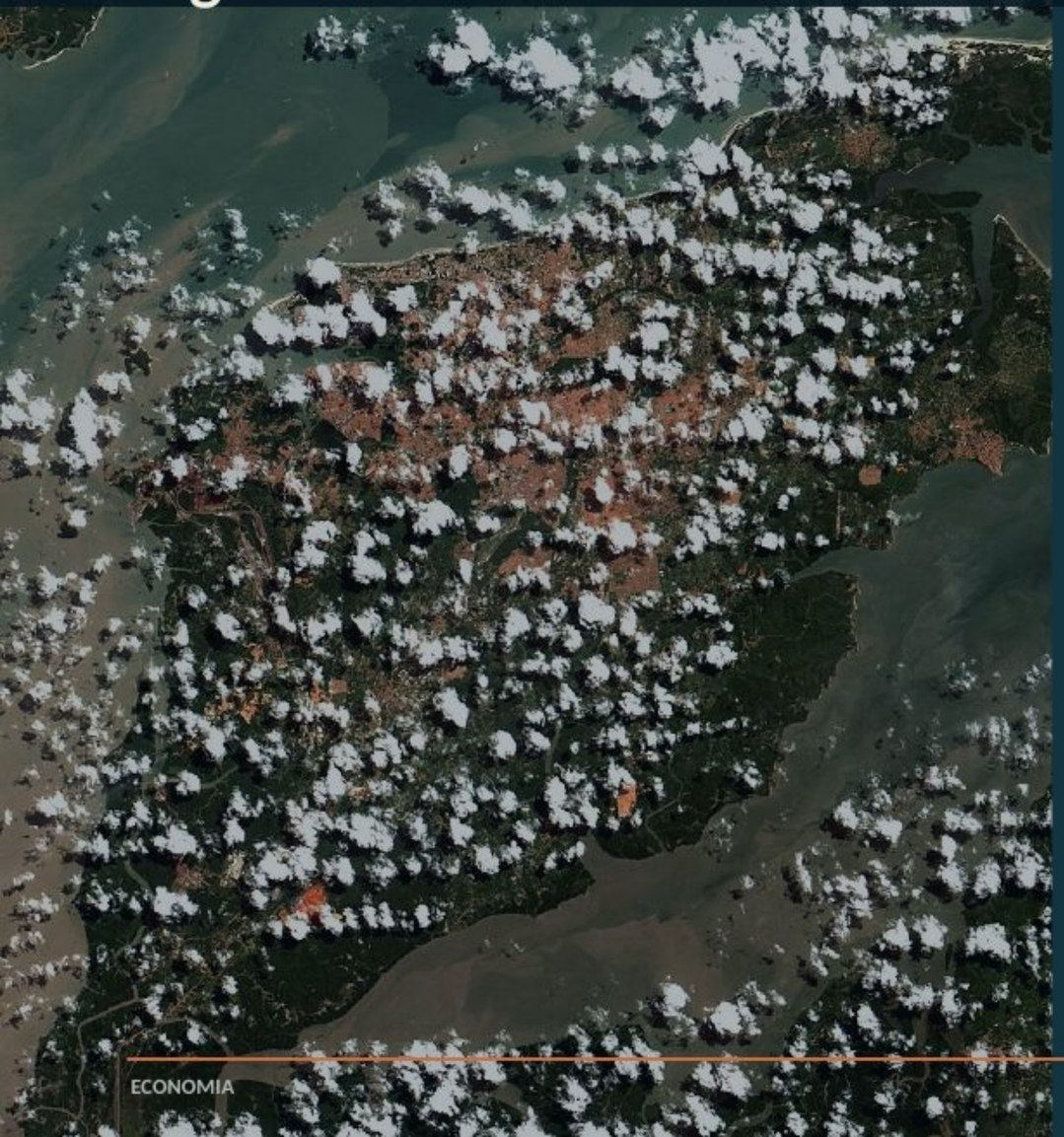
Cerca de 568 mil hectares entre plantios de eucalipto e áreas de preservação nos estados do Maranhão, Pará e Tocantins. Desse total, 308 mil hectares são áreas de conservação.

LOGÍSTICA

A celulose percorre cerca de 670 km por ferrovia até o Porto do Itaqui, integrando produção, armazenagem e exportação.

Os números são corporativos e devem ser lidos com o território de referência indicado.

A indústria maranhense combina grandes complexos e transformação de base regional



GRANDES COMPLEXOS

Alumar em São Luís: refinaria de alumina, redução de alumínio, terminal portuário privado e parque ambiental.

Celulose em Imperatriz: madeira plantada, processo industrial, armazenagem e exportação.

Cadeia mineral: minério de ferro de Carajás atravessa o estado até Ponta da Madeira.

INDÚSTRIAS DE BASE REGIONAL

Alimentos e bebidas · beneficiamento de grãos · laticínios · madeira e móveis · construção e minerais não metálicos · vestuário e tradição têxtil.

O PIB estadual de 2023 foi de R$ 149,227 bilhões, somando agropecuária, indústria, serviços e administração pública.

O Complexo Portuário de São Luís transforma o Maranhão em corredor de exportação



BAÍA DE SÃO MARCOS

Porto público do Itaqui
Terminal de Uso Privado Ponta da Madeira, Vale
Terminal de Uso Privado da Alumar

FERROVIAS

EFC leva minério e passageiros. Em Açailândia, conecta-se à Ferrovia Norte-Sul e amplia o corredor Centro-Norte.

RODOVIAS

Integram fazendas, cidades, armazéns, indústrias e terminais, mas dependem de manutenção e conexões eficientes.

FLUXOS

Minério de ferro · alumina e alumínio · soja e milho · fertilizantes · combustíveis · celulose · cargas gerais

Serviços e comércio conectam patrimônio, natureza e cadeias exportadoras

01	COMÉRCIO E SERVIÇOS	Varejo e atacado, administração pública, educação, saúde, finanças, comunicação, transporte e logística concentram-se nos polos urbanos.
02	TURISMO	São Luís e Alcântara valorizam patrimônio histórico. Lençóis Maranhenses e Delta do Parnaíba atraem turismo de natureza. Chapada das Mesas combina cachoeiras, trilhas e paisagens do Cerrado.
03	COMÉRCIO EXTERIOR	Soja, alumina, celulose e minério de ferro lideraram a pauta recente. Babaçu e outros produtos florestais permanecem em cadeias históricas e de menor peso relativo.
04	EFEITO TERRITORIAL	Portos e ferrovias ampliam alcance dos produtos, mas parte do valor adicionado e dos impactos permanece concentrada em corredores e municípios específicos.

US$ 3,5 bi

EXPORTAÇÕES DE JANEIRO A AGOSTO DE 2025, IMESC

A pauta exportadora deve ser lida pelo período: posição e participação dos produtos mudam ao longo do ano.

A Cebraspe erra a alternativa ao deslocar tempo, forma ou escala

01	ANACRONISMO	Trocar datas, governos, companhias de comércio ou fases econômicas. Exemplo: atribuir a Alumar ao período colonial ou antecipar Carajás.
02	GEOMORFOLOGIA	Transformar um compartimento em regra estadual ou usar duna como sinônimo de clima. Planície costeira, planaltos sedimentares e chapadas têm processos diferentes.
03	CLIMA E LENÇÓIS	Confundir aparência desértica com clima desértico, ignorar chuvas e sazonalidade ou criar fronteira rígida para uma transição gradual de umidade.
04	HIDROGRAFIA	Misturar bacia, rio e sistema costeiro; trocar Parnaíba, Tocantins e Gurupi por Amazonas ou São Francisco; atribuir superlativos a aquíferos sem fonte.

TEMPO · CATEGORIA · ESCALA · ANO DA FONTE

A alternativa parece correta quando mistura categorias vizinhas

05	BIOMAS	Chamar Mata dos Cocais de bioma, incluir Caatinga no recorte oficial atual ou usar Amazônia Legal como sinônimo de floresta amazônica.
06	ECONOMIA HISTÓRICA	Confundir a Companhia de 1682 com a Companhia Pombalina de 1755, trocar produtos e efeitos do monopólio ou projetar cadeias atuais no passado.
07	POPULAÇÃO E URBANIZAÇÃO	Usar estimativa como se fosse Censo, omitir o ano, inverter crescimento urbano ou tratar densidade média como distribuição homogênea.
08	EXTRATIVISMO E RECURSOS	Misturar extrativismo vegetal e mineral, localizar Carajás no Maranhão ou ignorar que o babaçu é produto, paisagem e base de trabalho comunitário.

PERGUNTE: QUAL CONCEITO? QUAL RECORTE? QUAL ANO? QUAL LOCALIZAÇÃO?

Do tempo ao território: doze âncoras recuperam o Maranhão inteiro

HISTÓRIA

1612 a 1615: França Equinocial e conquista portuguesa
1641 a 1644: ocupação holandesa e restauração
1682 e 1755: duas companhias monopolistas
1823: adesão ao Império após cerco e ardil naval
1838 a 1841: Balaiada
1980 e 1984: Carajás e Alumar

GEOGRAFIA

Três compartimentos de relevo
Bacia do Parnaíba: geologia e águas subterrâneas
Lençóis: geoforma costeira sob clima tropical chuvoso
Amazônia e Cerrado: biomas oficiais
Cocais e litoral: formações de transição
Carajás, Balsas e São Luís: corredores de produção e logística

TEMPO · TERRITÓRIO · TRANSIÇÃO · RECURSOS · FLUXOS

Leia o item como relação entre fatos, escalas e classificações, não como coleção de palavras verdadeiras.